



A “LITERACURA”: OS BENEFÍCIOS DA ESCRITA NA PANDEMIA

THE “LITERACURE”: BENEFITS FROM WRITING IN PANDEMIC

Pedro Panhoca da Silvaⁱ

RESUMO – Pretende-se, com este trabalho, mostrar como novos escritores em potencial podem se beneficiar por meio de antologias literárias a fim de preencher uma nova demanda existente no mercado editorial, além de contribuir com os registros da literatura do calor do momento e oferecer a leitores algo voltado à temática pandêmica atual. Com isso, Aguiar (2020) será utilizado no que concerne às novas tendências da literatura pandêmica, Candido (2004) no que diz respeito à humanização que a literatura pode proporcionar ao leitor e os depoimentos de escritores canônicos encontrados em Koch (2009) servirão como base para se pensar numa iniciação à escrita, mesmo que de forma amadora, bem como outros autores considerados relevantes para este trabalho. Antologias literárias podem engajar novos escritores a impulsionarem essa prática, trazendo benefícios desde eles próprios como para os leitores que buscam nessa literatura voltada à pandemia da COVID-19 do deleite à reflexão.

PALAVRAS-CHAVE – Escrita. Antologia literária. Pandemia.

ABSTRACT – It is intended, with this work, to show how new potential writers can benefit through literary anthologies in order to fill a new demand existing in the publishing market, besides contributing with the records of literature of the heat of the moment and offer to readers something focused on the current pandemic theme. With that, Aguiar (2020) will be used in what concerns the new trends of pandemic literature, Candido (2004) in what concerns the humanization that literature can provide to the reader and the testimonies of canonical writers found in Koch (2009) will serve as a basis to think about an initiation to writing, even if in an amateur way, as well as other authors considered relevant to this work. Literary anthologies can engage new writers to boost this practice, bringing benefits both for themselves and for the readers who seek in this literature aimed at



the pandemic of COVID-19 from delight to reflection.

KEYWORDS – Writing. Literary anthology. Pandemic.

Introdução

A história da humanidade é feita por catástrofes e superações. No dia 11 de março de 2020, possivelmente houve o ponto mais negativo de sua década: a declaração do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) Tedros Adhanom, que informou ao mundo que a crise causada pelo novo coronavírus havia atingido o patamar de pandemia (MOREIRA; PINHEIRO, 2020).

O mundo já havia conhecido outros tipos de pandemia ao longo de sua história, sendo retratados pelas artes para diversos fins. Segundo Áureo Lustosa Guérios Neto – apresentador e idealizador do “Literatura Viral”, *podcast* que discute a relação entre história, artes e doenças – toda epidemia é menosprezada no início por parecer algo fora da realidade, mas depois de se sair de controle e tomar proporção de pandemia passa a causar preocupação na humanidade e seu reconhecimento como algo factual e, portanto, perigoso (AGÊNCIA ÁFRICA, [2020]).

Assim como em outras pandemias, faz-se necessário na presente época voltar as manifestações artísticas para essa temática, além do que já é abordado por elas. No que concerne à literatura, por exemplo, desde a Idade Antiga os textos que sobreviveram ao

tempo trazem a leitores o calor do momento e produções de melhor qualidade feitas após a crise.

Com a facilidade proporcionada pela tecnologia, antologias literárias podem ser uma boa alternativa para que escritores em potencial exercitem ou aprimorem seu talento. Isso não só servirá de registro para a posteridade, relatando diversas experiências que o homem vivenciou de 2020 em diante ligado à COVID-19, mas também serve, de imediato, como forma de dar voz a quem decide escrever sobre o problema. Além disso, a nova literatura pandêmica pode suprir uma carência de procura por obras cujo tema esteja relacionado ao novo coronavírus.

Mais do que servir como válvula de escape ou registro histórico, a literatura pode ajudar a sensibilizar, tendo em vista sua capacidade de humanizar o homem, algo de suma importância em tempos de crise que muitos têm vivido desde então.

Literatura e pandemia: um breve histórico

A presença das enfermidades é recorrente nos textos, desde os antigos aos contemporâneos. De acordo com Guérios Neto, alguns escritores podem transparecer



admiração por epidemias e pandemias pelo fato de serem acontecimentos universais, porém diferente de assuntos como política, economia e ficção, certas doenças podem soar como tabu (AGÊNCIA ÁFRICA, [2020]). O autor toma como exemplo o câncer, que além de seu caráter biológico possui uma construção sociocultural, já que pessoas evitam até mesmo citar o nome dessa enfermidade (AGÊNCIA ÁFRICA, [2020]).

No que se pode chamar de Idade Antiga, a *Ilíada* (2018) de Homero (928 a.C – 898 a.C.) talvez seja o exemplo mais longínquo relacionado a uma pandemia, já que em determinado momento relaciona a peste da época com o castigo divino. Sófocles (497 ou 496 a.C. – 406 ou 405 a.C.), em *Édipo rei* (1998), mostra como Édipo liberta a cidade de Tebas de uma peste. A Bíblia católica, mais especificamente no livro do Êxodo (2014), descreve uma pestilência que matou muitos animais, além de outras 9 pragas: a água convertida em sangue, o surto de rãs, a infestação de mosquitos, a infestação de moscas, o surto de úlceras em humanos e animais, a chuva de pedras, o surto de gafanhotos, o céu de escuridão e a morte dos primogênitos do faraó.

Talvez o texto de maior relevância, e um dos mais lembrados quando se discorre sobre literatura e pandemias, seja o **Decameron**: 10 Novelas Seleccionadas (2013), obra de Giovanni Boccaccio (1313 – 1375) escrita no fim do evento que é classificado como peste negra, texto que

inspirou também outros da chamada Idade Moderna como os **Ensaio**s (2016) de Michel de Montaigne (1533 – 1592), pois segundo o professor Rafael Nogueira – presidente da Fundação Biblioteca Nacional –, assim como os personagens de Boccaccio fugiam da peste e contavam histórias como forma de se entreterem e sobreviverem na pandemia da época, Montaigne concentrou-se em sua obra para também escapar da crise sanitária de seu tempo (FUNDAÇÃO ALEXANDRE GUSMÃO, [2020]). Ainda segundo Nogueira, autores como Boccaccio e Montaigne podem ser bons exemplos de como grandes obras artísticas podem ser criadas e inspiradas em períodos como a pandemia (FUNDAÇÃO ALEXANDRE GUSMÃO, [2020]). Outra obra derivada da de Boccaccio é *O mercador de Veneza* (2020), de William Shakespeare (1564 – 1616), autor este que também escreveu o seu *Rei Lear* (2017) nos tempos de praga britânicos. Alguns contos isolados da obra dessa obra de Boccaccio influenciaram, também, autores como Martinho Lutero (1483 – 1546), Filipe Melâncton (1497 – 1560), Félix Lope de Vega (1562 – 1635), Molière (1622 – 1673) – em sua obra **O Tartufo** (c1976) – Jonathan Swift (1667 – 1745) – em seu conto *A Tale of a Tub* (2018) –, Antonio Vivaldi (1678 – 1741), Voltaire (1694 – 1778), Gotthold Ephraim Lessing (1729 – 1781) – em sua peça satírica **Natan, o Sábio** (2000) –, Percy Bysshe Shelley (1792 – 1822) e Alfred Tennyson (1809 – 1892), só para citar alguns.



O século XIX apresenta como destaque **A máscara da morte rubra** (2009). Esse conto de Edgar Allan Poe (1809 – 1849) tem uma pestilência letal e perigosa como temática. Ainda nesse século, **Morte em Veneza** (2002), de Thomas Mann (1875 – 1955), cita a epidemia de cólera ocorrida na “cidade flutuante”.

No século XX, outras manifestações textuais puderam ser conhecidas. Jack London (1876 – 1916) na sua obra **A peste escarlate** (2021) narra como poucos sobreviventes superaram uma peste fulminante que devastou a população mundial no ano de 2013, muito distante para a época. As obras **O mez da gripe** (1981), de Valêncio Xavier (1933 – 2008), e **Chão de ferro** (1976), de Pedro Nava (1903 – 1984), possuem como tema a gripe espanhola. Carlo Ginzburg (1939 –), historiador italiano, em seu texto *Storia Notturna: una decifrazione del Sabba* (2017) constata que teorias conspiratórias relacionam pandemias à própria vontade humana, como se fossem criadas e espalhadas de forma proposital. A obra **Os olhos da escuridão** (2020), de Dean Koontz (1945 –), ganhou tradução em português pelo seu recente sucesso conhecido, graças à semelhança do mistério tóxico tratado no texto com a pandemia do novo coronavírus. Mario Bellatin (1960 –), em **Salon de Belleza** (2007), tem a pandemia da AIDS, por vezes ofuscada por outras crises sanitárias mundiais, como tema central.

A literatura do século XXI também manteve seu interesse nas doenças que se propagam em proporções colossais. **Estação Onze** (2015), de Emily St. John Mandel (1979 –), é uma obra pautada na pandemia de gripe. Svetlana Alexievich (1948 –), em *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear* (2016), conta a história do reator 4 da usina nuclear de Tchernóbil que explodiu e espalhou material radioativo na atmosfera da região, até hoje isolada do restante do mundo.

Os filmes também são relevantes fontes para se conhecer por ficção o que são e como podem acontecer epidemias. Na comédia **Cooties: a epidemia** (2015), uma contaminação iniciada com um nugget de frango é transmitida a toda uma escola, com apenas duas alunas e um professor não sendo contaminados, os quais precisam escapar da escola. Já em **The Viral Factor** (2012), uma cópia do vírus da varíola é roubado e vira peça fundamental num plano de uma indústria farmacêutica corrupta em espalhá-lo para depois lucrar com a venda de suas vacinas, em meio a conspirações e perseguições. Os *animês* – desenhos animados japoneses –, por vezes, também abordam a temática da pandemia. **Highschool of the Dead** (2013) retrata um apocalipse zumbi iniciado numa escola, com um grupo de estudantes que escapou de ser infectado tendo que sobreviver da melhor



forma possível. Já *Black Bullet* (2021)¹ é sobre a epidemia do fictício vírus chamado “gastrea”, que transforma seres humanos em monstros, e 10 anos após o isolamento e pandemia uma equipe de seres humanos com superpoderes é criada para exterminar o vírus.

Nos jogos de videogame também é possível encontrar outras produções baseadas em doenças facilmente transmissíveis, como os da franquia *Resident Evil* – sendo *Resident Evil 2* (1998) e *Umbrella Corps* (2016) apenas dois exemplos de produções inicial e mais atual, respectivamente –, jogo em que o protagonista precisa matar zumbis e sobreviver às investidas deles enquanto busca uma forma de parar os planos da Umbrella Corporation, empresa farmacêutica responsável por desenvolver o “T-vírus” e outros mutagênicos, que podem transformar humanos em zumbis, bem como animais e plantas em monstros horripilantes. Já na franquia *The Last of Us*, essa atualmente com os jogos *The Last of Us* (2013) e *The Last of Us Part II* (2020), um surto do fungo “Cordyceps” devasta os Estados Unidos em 2013, transformando quem se infecta com ele em monstros canibais, com inspiração na gripe espanhola de 1918 e na epidemia da poliomielite de 1880.

¹ Apesar de o *animê* em questão datar de 2014, foi utilizada sua versão em *Blu-ray* de 2021 para o presente texto.

Nas histórias em quadrinhos as epidemias também foram, por vezes, retratadas, porém não tanto quanto nos *games* e nos filmes. A HQ *Black hole* (2017), de Charles Burns (1955 –), aborda a epidemia da AIDS, assim como na obra de Bellatin. Já a HQ-jogo *Zumbis!* (2017) o leitor-jogador vivencia, por meio de uma “narrativa de árvore”, como é a fuga e a sobrevivência de uma garota numa cidade sitiada por zumbis ou como um zumbi deve agir propagando a pestilência, dependendo das escolhas feitas pelo leitor-jogador.

Recentemente, dois livros-jogos brasileiros se desprenderam do padrão de fantasia medieval e também focaram na pandemia. Foram eles: *Sobreviver* (2017), de Gabriel Garcia (1999 –), e *Cercado por mortos* (2018), de Gustavo V. Ramos (1980 –), ambos mais especificamente voltados para o apocalipse zumbi. No primeiro, o leitor-jogador toma as decisões do protagonista anônimo, que está hospedado no centro da cidade de São Paulo e vai a uma feira de cultura *geek* encontrar um amigo, mas, quando acorda, liga a televisão pela manhã e percebe que um vírus zumbi transformou a cidade num cenário pós-apocalíptico instantaneamente, cabendo ao leitor-jogador fazer as escolhas corretas para encontrar seu amigo e torcer para ele ainda estar vivo. No segundo, o personagem do leitor-jogador vai a uma festa de um condomínio fechado de uma velha amiga, e quando chega percebe que uma infestação de vírus zumbi tomou conta de boa parte dos



condôminos, cabendo às decisões do leitor-jogador sair com vida do residencial e resgatar quem puder no caminho.

Os jogos de cartas colecionáveis – conhecidos popularmente como *card games* – também possuem algumas cartas relacionadas a epidemias. No jogo *Illuminati: New World Order* (INWO), de 1994, há cartas relacionadas a quarentena e pragas. Já em *Yu-Gi-Oh!* (1998) há cartas referentes a vírus, epidemias e pandemias. Das cartas aos *boardgames*, talvez o melhor exemplo seja a franquia de *Pandemic*, jogo de tabuleiro que rendeu muitos *spin-offs*, como *Pandemic: Iberia* (2016), em que os jogadores devem atuar em conjunto para curar quatro doenças históricas específicas (malária, tifo, febre amarela e cólera) por meio de estratégias como desenvolvimento das ferrovias e purificação da água, e *Pandemic: Hot Zone – North America* (2020), no qual os jogadores assumem o papel de uma unidade de controle de doenças e devem descobrir a cura para três doenças mortais na América do Norte.

Percebe-se que não só a literatura contempla a doença em si, mas também muitos produtos da indústria do entretenimento. Eles servem para deixar o homem mais próximo do problema, propondo reflexão por meio do lúdico ou da empatia. Dessa forma, é possível se aproximar da doença sem ter contato com ela, transformando-a mais em novo problema a ser resolvido com tempo e estratégia. Assim, retira-lhe o caráter de

invencibilidade e concede esperança ao ser humano que busca vencê-la, e não se render a ela.

Não se sabe o que está por vir na literatura, mas Cristhiano Aguiar (2020), professor doutor e escritor, aponta em seu artigo “Primeiros casos de literatura com COVID-19” (2020) alguns rumos que a literatura pandêmica pode tomar no Brasil, pelo menos referentes ao gênero textual conto, tendo como base 50 textos analisados por ele. Segundo Antonio Candido (2004), a literatura tem um caráter humanizador e pode desempenhar esta função num momento delicado como o provocado pelo novo coronavírus. Apesar da vontade de alguns, poucos escritores se arriscam por motivos pessoais a publicarem seus textos, embora depoimentos de escritores canônicos encontrados em Koch (2009) podem muito facilitar esse trabalho por sugerirem simples macetes, aproximando a escrita como algo que pode ser feito por quem nunca imaginou ser.

Uma nova literatura em tempos de pandemia: o que esperar

A literatura possui muitas funções, e ao mesmo tempo, nenhuma. Esse paradoxo existe porque atribuir a ela determinadas utilidades é reduzi-la a determinados papéis que precisa cumprir. Segundo Antonio Candido,

Falemos portanto alguma coisa a respeito das produções literárias nas quais o autor deseja



expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica. Daí pode surgir um perigo: afirmar que a literatura só alcança a verdadeira função quando é deste tipo (2004, p. 180-181).

Mesmo que a literatura seja algo muito maior do que qualquer utilidade a ela atribuída, em tempos de pandemia como a do novo coronavírus sua capacidade de humanização é um dos seus destaques. Num momento delicado como esse, cada um lida da forma que acredita ser a melhor diante do surto da COVID-19, seja evitando falar sobre o assunto ou mesmo discutindo sobre ele. Para quem opta pela segunda opção, a literatura se mostra um espaço de grandes dimensões a ser explorado. Rejane Dias dos Santos – diretora-executiva do Grupo Autêntica – comenta que Lilia Schwarz afirmou que o século XX termina na pandemia do novo coronavírus (FÓRUM DO AMANHÃ, [2020]), e em marcos como esse a literatura tem a chance de tomar novos rumos necessários para se renovar e inovar.

Se antigamente publicar textos era um privilégio para poucos e seletos autores, hoje a tecnologia e a sustentabilidade auxiliam o escritor iniciante a dar seus primeiros passos por meio de diversas formas, como o financiamento coletivo, a impressão de livros

sob demanda e a participação em antologias literárias, só para citar algumas. A estante de livros, inclusive, nunca esteve tão presente como nas videoconferências utilizadas para congressos acadêmicos ou cursos online dos mais diversos, pois na opinião da arquiteta Cristiane Schiavoni os livros organizados em prateleiras transmitem a ideia de credibilidade e conhecimento por parte do videoconferencista, além de dizer muito sobre seu organizador (PINHO, 2021).

Se antes a tecnologia era vista como algo nocivo ao livro impresso, o uso de redes sociais e blogues se mostrou como uma forma mais econômica e de maior alcance para alguns autores que divulgam seus textos via internet, os quais podem ser apreciados sem o intermédio do mercado editorial. Um exemplo de blogue voltado aos concursos literários é o *Seleções Literárias* (s/d), que visa divulgar editais de concursos literários dos mais diversos. Nele, o internauta pode procurar por data ou em uma das 27 classificações de sua preferência, e não é difícil encontrar coletâneas de textos cuja temática seja a pandemia da COVID-19. No entanto, o uso de *sites* para compra de livros ao invés do consumo presencial nas livrarias, além do isolamento social por conta da pandemia da COVID-19, pode ter afetado o já decadente mercado editorial, tendo forçado aqueles que buscavam sobreviver nesse ramo de negócios a se reinventarem, como oferecer serviços de cafeteria e promover oficinas e saraus literários, com



alguns casos confirmando o sucesso nessa nova empreitada (MAIA JUNIOR, 2020).

Dentre os exemplos supracitados para um escritor publicar, merece atenção o papel das antologias literárias focadas na pandemia. É sabido que em diversas áreas do conhecimento houve um *boom* de publicações envolvendo a COVID-19, desde livros infantis, como *Covid-19 helpers: a story for kids about the coronavirus and the people helping during the 2020 pandemic* (2020), a livros de filosofia, sendo **Crônicas da psicodelação** (2020) um exemplo. Porém, aos interessados por literatura, Cristhiano Aguiar (2020) aponta que as antologias literárias cujos textos dialogam com a pandemia da COVID-19 merecem atenção devidos às tendências que podem trazer à literatura desse tipo, principalmente as lançadas por editoras independentes. Ele afirma que há boa diversidade de contos que variam do otimismo ao pessimismo, que retratam da classe baixa à alta, escritos por brancos, negros e indígenas, enraizados do realismo/naturalismo à ficção científica, abordando diretamente o novo coronavírus ou usando-o em segundo plano (AGUIAR, 2020). Um exemplo de coletânea textual pandêmica é **Éramos livres...: Antologia de contos da pandemia** (2020), dentre muitas outras encontradas no Brasil e em outros países. O escritor Rogério Faria Tavares – patrono e ocupante da 8ª cadeira da Academia Mineira de Letras – afirma que o livro que organizou, **20 contos sobre a pandemia de 2020** (2020), reúne estilos e

abordagens diversas de variados escritores que aceitaram colaborar em seu projeto de retratar a pandemia por meio de palavras (FÓRUM DO AMANHÃ, [2020])

Sobre a produção de crônicas sobre a COVID-19, a historiadora e doutora em antropologia Lília Mortiz Schwarz (1957 –) afirma que pouco foi produzido sobre esse assunto em 2020, pois pareceu algo tão difícil de se retratar quanto à própria morte (PPGSA UFPA, [2020]). Segundo Schwarz, o tempo da pandemia muito se assemelha ao tempo do romance **A Montanha Mágica** (2016), de Thomas Mann, que no início do romance é lento e depois se torna veloz, visto que em determinados momentos do contato humano com a COVID-19 pareceu ser muito lento e detalhado – quando ele ainda era novidade e o isolamento e o distanciamentos sociais começaram a ser vivenciados pelos seres humanos – e, paradoxalmente, acelerado – quando a monotonia do cotidiano imposto pelo surto do novo coronavírus se tornou parte da rotina de boa parte da população (PPGSA UFPA, [2020]).

Quanto às obras canônicas, Rejane Dias dos Santos afirma que as vendas conheceram aumento durante a pandemia de 2020, inclusive notado no próprio faturamento de seu grupo (FÓRUM DO AMANHÃ, [2020]). Ela afirma também que, em tempos de pandemia, livros como **Poliana** (2019) podem agradar o público que não se interessa por distopias, justamente por sua protagonista ver o lado positivo de tudo,



funcionando como uma esperança a tempos difíceis como o do surto pandêmico de 2020 (FÓRUM DO AMANHÃ, [2020]). Livros, possivelmente, passaram a ganhar maior notoriedade na vida das pessoas que conheceram o distanciamento e o isolamento sociais. Isso porque quem dispunha de biblioteca particular em casa pôde perceber uma possibilidade de visitar os livros, bem como experimentar novos gêneros literários, como fez o escritor Luiz Felipe Leprevost (1979 –) (CLUBE CURITIBANO, [2020b]).

Quem teve seu trabalho migrado para o ambiente remoto, o chamado *home office*, foi obrigado a passar mais tempo dentro de casa. Dessa forma, trabalho e lazer se confundiram num mesmo ambiente físico. Alguns, ao invés de se lamentar, buscaram canalizar o que sentiam por diversos meios, inclusive pela escrita. Infelizmente, muitos ainda não acreditam que sejam aptos a praticar esse ofício por pensarem nos textos como sendo completos e perfeitos, mas importantes escritores podem encorajá-los a publicar seus primeiros textos, mesmo que ainda não tenham segurança. Anne Lamott (1954 –) afirma: “escreva tudo. Despeje-se na página. Escreva uma primeira versão terrivelmente fraca, autoindulgente, lamurienta e choramingas. Depois, tire os excessos, o mais que puder” (*apud* KOCH, 2009, p. 30). John Steinbeck (1902 – 1968), em entrevista, ordenava:

Escreva do modo mais livre e rápido possível [...] e jogue tudo no papel. Não corrija nem

reescreva nada antes de terminar. Reescrever durante o processo costuma ser uma desculpa para não prosseguir. Também interfere no fluxo e no ritmo, que somente podem surgir de uma espécie de associação inconsciente com o material (*apud* KOCH, 2009, p. 30).

Percebe-se que esse primeiro contato do escritor com seu trabalho está ao alcance de todos: o ato de descarregar as ideias da própria mente ao papel ou computador. Após organizar seu texto, sua qualidade só poderá ser aferida no aceite ou recusa do texto enviado às antologias. Caso o escritor conheça uma recusa, o lado positivo dela é que poderá pensar sobre como melhorar a qualidade de seu texto. Caso receba um aceite, motiva-se para publicar seus próximos visto o sucesso que conheceu com sua criação, além de vê-la publicada. Para a professora e escritora Ana Elisa Ribeiro, o livro é um exemplo de ensino remoto milenar, já que tem a capacidade de transmitir a palavra de quem a fez a outras pessoas ao longo do espaço físico e temporal (FÓRUM DO AMANHÃ, [2020]), o que o torna ainda mais importante em tempos de crises sanitárias como a do novo coronavírus. Ele se mostra, dessa forma, uma das maneiras seguras de reter e transmitir o conhecimento *a posteriori*. Seu suporte pode mudar e se modernizar, mas suas funções permanecem para sempre.

Embora o novo coronavírus pareça tirar a inspiração de quem almeja escrever, a sugestão de Stephen Koch (1941 –) parece ser ideal para esse momento: “não permita



que nada o detenha. Se ficar bloqueado, escreva *em meio* ao problema (2009, p. 30, grifos do autor). O exercício da escrita sobre um tema como a pandemia causada pela COVID-19, ao passo que permite a autores profissionais ou amadores se expressarem num período tão ímpar como o da convivência com a pandemia do novo coronavírus, também ajuda leitores que buscam, na literatura, leituras feitas no calor do momento sobre esse acontecimento marcante. Nesse ponto, a literatura auxilia o escritor e o leitor em sua humanização:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180, grifo do autor).

Nesse sentido, mesmo que a vida tenha mudado para boa parte da população mundial, o escritor pode sensibilizar seus leitores mostrando sua realidade nesse contexto por meio de um relato, depoimento ou desabafo, assim como pode se encontrar em situação segura e criar uma obra ficcional que propõe uma reflexão sobre outros pontos de vistas de um mesmo assunto, conforme as vertentes levantadas por Aguiar

(2020) apontam. Nesse sentido, as antologias internacionais trazem a seus leitores diferentes textos de diversas partes do mundo, como *And We Came Outside and Saw the Stars Again: Writers from Around the World on the COVID-19 Pandemic* (2020), algo que os noticiários por vezes não são capazes de fazer, principalmente no que concerne à ficção.

O texto pode oferecer muito aos leitores que vivenciam a pandemia do novo coronavírus, e o escapismo que a literatura fornece é só uma das funções, mas não menos importante se comparado a muitas outras. Segundo a escritora Etel Frota (1952 –), essa função é legítima e desejável à saúde emocional, mas é chamada de “metáfora” no meio literário, figura de linguagem a qual oferece fugas possíveis a momentos de desamparo como o que a humanidade tem presenciado oficialmente desde março de 2020 (CLUBE CURITIBANO, [2020a]).

A professora e escritora Marta Morais da Costa, parafraseando Michel Foucault (1926 – 1984), afirma que a literatura é como um fármaco: pode ser a cura ou o veneno para quem a consome (CLUBE CURITIBANO, [2020a]). Costa também comenta algumas funções que a literatura é capaz de exercer. O leitor pode encontrar nela uma extensão de sua angústia ou um passatempo, mas isso seria reduzir demais a literatura, pois é sabido que nela o leitor também poderá encontrar informações ou soluções sobre determinado problema ou como este se manifestou ao longo da História, sendo mais



pragmática (CLUBE CURITIBANO, [2020a]). O leitor, ainda, pode usar a literatura para se elevar espiritualmente, como forma de terapia para tratar algo que lhe inquieta ou utilizá-la para reflexão e autoconhecimento (CLUBE CURITIBANO, [2020a]). Ainda segundo Costa, um leitor que consegue encontrar na literatura estas e outras função é, na verdade, um múltiplo leitor, e pode sobreviver bem à uma época como a do surto pandêmico do coronavírus, sendo o primeiro passo para isso a predisposição do leitor (CLUBE CURITIBANO, [2020a]). Vale lembrar que, segundo Guérios Neto, alguns artistas utilizaram a arte justamente para fins terapêuticos e produziram obras canônicas e de grande valor cultural, como Frida Khalo (1907 – 1954), afetada pela poliomielite e suas dores crônicas, Manuel Bandeira (1886 – 1968), afetado pela tuberculose, Novalis (1772 – 1801) e Friedrich Nietzsche (1884 – 1900), ambos com esquizofrenia desenvolvida ao longo de suas vidas, Jorge Luís Borges (1899 – 1986) e James Joyce (1822 – 1941), ambos vítimas da cegueira (AGÊNCIA ÁFRICA, [2020]).

Segundo Luiz Felipe Leprevost, quem precisou se isolar no período de pandemia da COVID-19 ficou restrito à sua residência, e a literatura oferece a possibilidade de suprir a vontade de exteriorizar por meio da fabulação (CLUBE CURITIBANO, [2020b]). A escritora Giovana Madalosso (1979 –) acrescenta que muitos descobriram que é possível viver sem uma série de

práticas que achavam vitais, mas que, assim como ela mesma, podem ter percebido que não é possível viver sem literatura, música, seriados ou outras formas de arte (CLUBE CURITIBANO, [2020b]). Ainda de acordo com Madalosso, o que a cultura oferece a quem a inclui no cotidiano pode ser uma “boia de salvação” para momentos como o do surto pandêmico do novo coronavírus, visto que a realidade pura pode ser excessiva para alguns (CLUBE CURITIBANO, [2020b]).

Embora tenha havido muito desespero e despreparo da humanidade diante da pandemia da COVID-19, não é sabido que nenhuma pandemia quase exterminou os seres humanos da Terra. Há sempre uma parcela da população mundial que falece, mas que nunca superou a peste bubônica. Sabendo disso, a literatura acompanha as pandemias do mundo ao longo dos séculos para trazer esperança e amor ao leitor, segundo Gisela Kozak Rovero pesquisadora, professora, ensaísta e escritora venezuelana (CEIICH UNAM, [2020]). Isso ao mesmo tempo parece triste aos que presenciaram o óbito de pessoas próximas, porém é um conforto quando se pensa nos ganhos que o ser humano terá quando essa crise sanitária passar. Com isso, quem escreve sobre a pandemia do novo coronavírus possui essa missão a longo prazo de transmitir para a posteridade o que o homem conheceu, vivencia e pode fazer por um novo mundo futuro.



A literatura pandêmica ainda pode ser usada como forma de encorajamento para escritores e leitores. Guérios Neto afirma que, como em qualquer contexto de pandemia, junto com o vírus se espalha o medo entre a população, e boa parte da paúra está relacionada com o desconhecimento de informações precisas sobre o que é e como o vírus funciona, mas a coragem faz o homem compreender o problema e, ao passo que a produção e leitura de textos de ficção ou realidade sobre o assunto auxiliam a remover a aura amedrontadora que o vírus possui a ponto de deixá-lo no mesmo patamar que o do ser humano, tornando possível o seu combate (AGÊNCIA ÁFRICA, [2020]). Com isso, ainda segundo Guérios Neto, a literatura se mostra uma forma lúdica de escritores e leitores entenderem a situação e despertarem sentimentos de empatia, alteridade e outros diante do contexto pandêmico (AGÊNCIA ÁFRICA, [2020]).

Além disso, a criação de novos textos ajudará a criar novos autores e novos leitores, isso porque segundo Rejane Dias dos Santos acredita que a cada 7 anos a literatura passa por renovação de repertório, visto que é um período em que uma nova geração de leitores é alfabetizada e, portanto, passa a ter contato com textos (FÓRUM DO AMANHÃ, [2020]). O filtro do que pode ou não ser dotado de qualidade não precisa ser tão rigoroso com os escritores, pois segundo Gisela Kozak Rovero qualquer obra que possa colocar o leitor,

principalmente o jovem, para pensar, criar ficção e imaginar é excelente (CEIICH UNAM, [2020]).

O ditado “escrever é o melhor remédio”, ao que parece, volta a fazer sentido nos tempos contemporâneos.

Considerações finais

Literatura e pandemia parecem uma estranha união, mas ao longo dos anos é possível perceber como estão imbricadas. O interesse por pandemia não ficou restrito apenas à literatura, mas a outros tipos de arte e até serviu como inspiração para a indústria do entretenimento.

A escrita hoje se mostra mais acessível ao público geral que, cumprindo ou não as normais sanitárias impostas por governos, viu sua capacidade de movimentação limitada em meio à crise provocada pela COVID-19. Sabe-se que cada um reage de uma forma diante da situação em que a humanidade se encontra, e alguns puderam e poderão encontrar na literatura uma forma de desprendimento da repetitiva realidade de cumprir normas sanitárias e contar o número de infectados e mortos pelo novo coronavírus. A literatura, por meio de escritores competentes, tem esse poder de impactar seus leitores e torná-los seres humanos melhores, e pode ser uma chispa de esperança por tempos melhores. Segundo Antonio Candido,

LUMEN ET VIRTUS
REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE CULTURA E IMAGEM

VOL. XII N° 31 MAIO-AGOSTO/2021
ISSN 2177-2789



Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido (2004, p. 178).

A escrita na e sobre a pandemia pode ser libertadora tanto para quem produz como para quem lê estes textos, visto que há muito a se extrair de uma literatura construída em momentos como o da pandemia da COVID-19. Espera-se que antologias literárias não sejam vistas como mero “amontoado de textos”, e sim como coleções textuais que tanto podem distrair e divertir o leitor como fazê-lo refletir a ponto de salvar sua vida em um momento tão difícil como o atual. Para se arriscar um neologismo para essa literatura que “cura” quem está em contato com ela, poder-se-ia chamá-la, futuramente, de “literacura”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA África. **O Corona e a Literatura: é possível extrair algo bom da pandemia?**. [2020]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E6cJRnLRKgE>>. Acesso em 13 maio 2021.

AGUIAR, Cristhiano. “Primeiros casos de literatura com COVID-19”, in **Pernambuco**, Recife, Cepe editora, n. 175, p. 12-17, set. 2020. Disponível em: <https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_175_web>. Acesso em 05 maio 2021.

ALEXIVEJICH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. Trad. Sônia Branco. 1. ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2016.

BACON, Beth. **Covid-19 helpers**: a story for kids about the coronavirus and the people helping during the 2020 pandemic. Durham: Blair, 2020.

BELLATIN, Mario. **Salão de Beleza** (Trad. Maria Alzira Brum Lemos), 1. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

BERARDI, Franco. **Crônicas da psicodetração**. 1. ed. São Paulo/SP: Ubu Editora; 2020.

BLACK BULLET. Direção: Masayuki Kojima, Hiroshi Ikehata, Shinya Iino, Mitsuhiro Iwasaki e Yoshihiro Mori. Produção: Asuka Yamazaki, Fuminori Yamazaki, Mitsutoshi Ogura e Yasutaka Kurosaki. Roteiro: Tatsuhiko Urahata. Interpretação (vozes): Luci Christian, Yûki Kaji, Christina Marie Kelly, Chris Patton, Caitlynn French, Tiffany Grant, Mark Laskowski, Ty Mahany, Nancy Novotny, Joanne Bonasso, Scott Gibbs, Krystal LaPorte, Cynthia Martinez, Margaret McDonald, Carli Mosier, Mike Yager, Chris Ayres, Clint Bickham, Cayla Coats, Adam Gibbs, Jay Hickman, Brittney Karbowski, Andrew Love, Joel McCray, Gabriel Regojo, Cara Duncan, Rob Mungle, John Swasey, Kalin Coates, Brittany Deans, Houston Hayes, George Manley, Brent Marshall, Rina Hidaka, Yui Horie, Allison L. Sumrall, Rikiya Koyama, Hillary Haag, Aoi Yûki, Subaru Kimura e Aki Toyosaki. Suguiname: Kinema Citrus; Musashino: Orange, 2021. 2 Blu-ray, 13 episódios (325 min.), som original, colorido. Legendado (inglês) e dublado em japonês e inglês. Título do original: **ブラック・ブレット**. Licença: Sentai Filmworks. Música de Shiro Sagisu.



BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**: 10 Novelas Seleccionadas (Trad. e org. Maurício Santana Dias), 1. ed. São Paulo/SP: Cosac & Naify, 2013.

BURNS, Charles. **Black hole**, 1 reimpressão. New York: Pantheon, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**, 4. ed. São Paulo/SP: Duas Cidades; Ouro sobre azul, 2004.

CEIICH UNAM. **Leer literatura**: catarsis en tiempos de pandemia. [2020]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Smsg1mezojs>>. Acesso em 12 maio 2021.

CLUBE CURITIBANO. **Curitibano Talk**: A literatura como remédio para uma pandemia. [2020a]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZmtvCcf6Cak>>. Acesso em 12 maio 2021.

_____. **Curitibano Talk**: A Literatura na Pandemia. [2020b]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZmtvCcf6Cak>>. Acesso em 13 maio 2021.

COOTIES: a epidemia. Direção: Jonathan Milott e Cary Murnion. Produção: Daniel Noah, Elijah Wood, Josh C. Waller, Steven Schneider e Tove Christensen. Roteiro: Ian Brennan, Leigh Whannell e Josh C. Waller. Interpretação: Elijah Wood, Rainn Wilson, Alison Pill, Jack McBrayer, Leigh Whannell, Nasim Pedrad, Ian Brennan, Jorge Garcia, Cooper Roth, Miles Elliot, Morgan Lily, Sunny May Allison, Armani Jackson, Peter Kwong, Kate Flanery, Matt Jones, Rebecca Marshall, Jake Brennan, Mark Christopher Lawrence, Aiden Lovekamp, Lauren Stovall, Jared Breeze, Nikita Ager, Angela Bullock, Elizabeth Bogush, Boni Yanagisawa, Lauren Katz, Brian Henderson, Tamie Baird, Ashley Rae Miller, Chloe Rose, Kelli Barksdale, Ella Berry, Nathan Brewer, Emily Brobst, Mika Cigic, Jaiden Geller, Sam Ly, Mason Mahay, Brandi Marie, Dani Marie, Kayla Morales, Kara Petersen, Isabella Revel e Sophia Strauss. Los Angeles: SpectreVision; Girdwood: Glacier Films, 2015. 1 Blu-ray (94 min.), som original, colorido. Legendado (inglês, espanhol, castelhano, português) e dublado (inglês, espanhol, castelhano, português). Título do original: Cooties. Distribuição: Lionsgate Premiere. Música de Kreng.

ÊXODO. BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. Trad. autor desconhecido. 1. ed. 8. reimpressão. São Paulo/SP: Mundo Cristão, 2014. p. 45-80.



FÓRUM DO AMANHÃ. **Literatura da Pandemia.** [2020]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s67TZIMDh9c>>. Acesso em 05 maio 2021.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE GUSMÃO. **Prof. Rafael Nogueira: a pandemia na história e na literatura.** [2020]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y4RyOOVY0jY>>. Acesso em 04 maio 2021.

GARCIA, Gabriel. **Sobreviver.** [S.l.]: editora independente, 2017. Paginação irregular.

GINZBURG, Carlo. **Storia Notturna: una decifrazione del Sabba.** 3. ed. Milano: Adelphi, 2017.

HIGHSCHOOL OF THE DEAD. Direção: Tetsurō Araki, Tetsuo Ichimura, Yūji Kumazawa, Naoyasu Habu, Mitsuyuki Masuhara, Takenori Mihara, Yasushi Muroya, Yūsuke Onoda, Tōru Takahashi e Chie Yamashiro. Produção: Satoshi Fujita, Kentarō Hashimoto, Chiho Ikeda, Mitsutoshi Ogura e Shoji Sato. Roteiro: Yōsuke Kuroda e Tatsuya Takahashi. Interpretação (vozes): Jun'ichi Suwabe, Eri Kitamura, Nobuyuki Hiyama, Hitomi Harada, Leraldo Anzaldúa, Maggie Flecknoe, Marina Inoue, Miyuki Sawashiro, Yukari Fukui, Shin'ya, Hamazoe, Jessica Boone, Taylor Hannah, Monica Rial, Daishi Koshiba, Tōru Inamura, Tomoko Nakamura, Luci Christian, David Wald, Kishō Taniyama, Chris Ayres, Melissa Davis, Ilich Guardiola, Andrew Love, Rob Mungle, Ayana Taketatsu, Corey Hartzog, Chris Hutchison, Brittney Karbowski, David Matranga, Emily Neves, Yoshiko Sakakibara, Airi Sakuno, Airi Sakuno, Sheller Calene-Black, Blake Shepard, Mamoru Miyano, Jōji Nakata, Junko Takeuchi, Takaya Kuroda, Yōhei Tadano, Larry Bubela, Chris Patton, Michael Sosa, Serena Varghese, Daisuke Hirakawa, Yoko Honna, Takeshi Maeda, Kenji Hamada, Hitomi Nabatame, Shōta Yamamoto, Justin Doran, John Gremillion, Nobuhiko Okamoto, Jin Urayama, Tetsu Inada, Kenji Nojima, Rumi Shishido, Shinya Fukumatsu, Satoshi Hino, Toshihiko Nakanishi, Yūichi Iguchi, Mantarō Iwao, Yōichi Nishijima, Tomoyuki Shimura, Binbin Takaoka, Izumi Sawada, Makoto Yasumura, Keiko Fukushima, Takashi Matsuyama, Ayumi Fujimura, Eri Miyajima, Hiroyuki Yoshino, Sally Koshinaka, Keiichi Kuwabara, Daisuke Satō, Takuzō Sukanuma, Masato Itō, Yōsuke Kuroda, Kensuke Satō, Naoko Seto, Yūko Shima, Tatsuya Takahashi, Shōjo Satō, Kaori Shimizu, Masayoshi Tanaka, Masayoshi Tanaka, Hitoshi Bifu, Kumi Misasagi, Kei Miura, Mirai Kobayashi, Shōji Gatō, Ichigo, Maon



Kurosaki, Greg Ayres, Elizabeth Bunch, Jovan Jackson, Steven Knight, Melissa Magill e Adam Van Wagoner. *Honchō: Madhouse*, 2010. 12 episódios (23 min. cada), som original, colorido.

Legendado (português e espanhol) e dublado em japonês. Título do original: 学園黙示録.

Distribuição: Netflix. Baseado na obra de Daisuke Satô. Música de Takafumi Wada.

HOMERO. *Ilíada* (Trad. Christian Werner), 1. ed. São Paulo/SP: SESI-SP, 2018.

ILLUMINATI: NEW WORLD ORDER. Austin: Steve Jackson Games, 1994. Faixa etária: acima de 12 anos. Contém: 2 baralhos de 55 cartas cada, 1 manual de regras.

JUCÁ, Fabiano. *Éramos livres...: Antologia de contos da pandemia*. [S.l.]: editora independente, 2020. 205 p. *E-book Kindle*.

KOCH, Stephen. **Oficina de escritores**: um manual para a arte da ficção. Trad. Marcelo Dias Almada. 1. ed. 2. tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

KOONTZ, Dean R. **Os olhos da escuridão** (Trad. Debora Isidoro), 1. ed. Porto Alegre: Citadel, 2020.

LESSING, Gotthold Ephraim. **Natan, o Sábio** (Trad. Christine Rohrig, adaptação de Barbara Kindermann). São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 2000. (coleção Literatura Universal para Crianças).

LONDON, Jack. **A praga escarlata** (Trad. Ana Barradas). 1. ed. Lisboa: Antígona, 2021. 112 p.

MAIA JUNIOR, Humberto. “Página virada”, in **Veja**, ed. 2716, ano 53, n. 50, p. 66-67, 09 Dez 2020.

MANN, Thomas. **Morte em Veneza** (Trad. Sara Seruya). Porto: Comunicação Social, 2002. 95 p. (Coleção Mil Folhas)

_____. **A Montanha Mágica** (Trad. Herbert Caro), 1. ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2016.

MANDEL, Emily St. John. **Estação Onze** (Trad. Rubens Figueiredo), 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MOLIÈRE. **O Tartufo** (Trad. Jacy Monteiro). São Paulo/SP: Abril, c1976.



MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios** (Trad. e notas Sérgio Milliet). Ed. integral. 1. ed. São Paulo/SP: 34, 2016.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. “OMS declara pandemia de coronavírus”. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 05 maio 2021.

NAVA, Pedro. **Chão de ferro** (2. ed.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

PANDEMIC: IBERIA. Roseville: Z-Man Games, 2016. Faixa etária: a partir de 8 anos. Contém 1 livro de regras, 1 tabuleiro de jogo, 7 cartas de papel, 7 peões, 69 cartas de jogador, 5 cartas de referência, 48 cartas de infecção, 96 cubos de doença (24 em 4 cores), 14 cartas de purificação, 20 cartas ferroviários, 1 carta de prevenção, 4 marcadores de pesquisa, 1 marcador de taxa de infecção, 1 marcador de surtos, 4 hospitais, 5 cartas de desafio, 1 livro de arte.

PANDEMIC: HOT ZONE – NORTH AMERICAN. Roseville: Z-Man Games, 2020. Faixa etária: a partir de 8 anos. Contém 1 livro de regras, 1 tabuleiro de jogo, 70 cartas e 50 cubos & marcadores.

PINHO, Flávia G. “Fundo de lives e videochamadas, estante conta a história do dono”, in **Folha de S. Paulo**, p. C7, 10 Abr 2021.

POE, Edgar Allan. **A Máscara Da Morte Rubra** (Trad. Maria Clara Carneio), 1. ed. Porto Alegre: Figura Editora, 2019.

PORTER, Eleanor H. **Poliana** (Trad. Marisa Lajolo), 1. ed. São Paulo/SP: Escarlata, 2019. 160 p. PPGSA UFPA. *WEBNÁRIO PPGSA*: “Pandemias na História & na Literatura”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T7zMmq0AItQ>>. Acesso em 12 maio 2021.

RAMOS, Gustavo R. **Cercado por mortos**. Rio de Janeiro: New Order, 2018.

RESIDENT EVIL 2. Osaka: Capcom, 1998. 1 CD-Rom.

SELEÇÕES LITERÁRIAS. Disponível em: <<https://selecoesliterarias.com.br/>>. Acesso em 13 maio 2021.

SHAKESPEARE, William. **O mercador de Veneza** (Trad. autor desconhecido). [S.l.]: LL Library, 2020. 166 p. *E-book Kindle*.



- _____. **O Rei Lear** (Trad. Carlos Alberto Nunes). São Paulo/SP: Peixoto Neto, 2017.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei** (Trad. Paulo Neves). Edição de bolso. São Paulo/SP: L&PM, 1998.
- STAVANS, Ilan (Org.). **And We Came Outside and Saw the Stars Again**. Writers from Around the World on the COVID-19 Pandemic. Brooklyn: Restless Books, 2020.
- SWIFT, Jonathan. **A Tale of a Tub**. Reprint ed. Mineola: Dover Publications, 2018. 128 p.
- TAVARES, Rogério Faria (Org.). **20 contos sobre a pandemia de 2020**. 1. ed. São Paulo/SP: Autêntica, 2020.
- THE LAST OF US. San Mateo: Sony Interactive Entertainment, 2013. 1 jogo eletrônico.
- THE LAST OF US PART II. San Mateo: Sony Interactive Entertainment, 2020. 1 jogo eletrônico.
- THE VIRAL FACTOR. Direção: Dante Lam. Produção: Candy Leung. Roteiro: Dante Lam, Candy Leung e Way Lun Ng. Interpretação: Jay Chou, Nicholas Tse, Peng Lin, Bing Bai, Andy On, Kai Chi Liu, Carl Ng, Tin-Chiu Hung, Philip Keung, Crystal Lee, Elaine Jin, Deep Ng, Jawed El Berni, Issam M. Husseini, Man Biu Lee, Jared Robinsen, Anthony Sandstrom, Ron Smoorenburg, Andrew Dasz e Steven Dasz. Hong Kong: Emperor Group; S.l.: Beijing Universe Starlight Culture Media; Beijing: Huayi Brothers, 2012. 1 DVD (122 min.), som original, colorido. Legendado (espanhol) e dublado em mandarim. Título do original: 逆战. Distribuição: Emperor Motion Pictures. Música de Peter Kam.
- UMBRELLA CORPS. Osaka: Capcom, 2016. 1 Blu-ray.
- WALTCH; LANCY, J. **Zumbis!**. São Paulo/SP: Funbox, 2017.
- XAVIER, Valencio. **O mez da gripe**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981.
- YU-GI-OH!. Tokyo: Konami, 1998. Faixa etária: inexistente. Contém: 1 baralho de 50 cartas (2 ultra raras, 3 super raras, 5 raras, 40 comuns).

¹ Mestre em Letras (UNESP/Assis), Especialista em Ensino de Português, Literatura e Redação (CEUCLAR/Rio Claro) e Graduado em Letras (UNESP/Assis), doutorando pela UPM, linha de pesquisa em Literatura infanto-juvenil.